

| Heleieth Saffioti!*

Lúcio Flávio de Almeida**

Resumo:

O autor presta uma homenagem à Heleieth Saffioti procurando destacar a importância da intelectual militante cujas pesquisas inovaram o pensamento social crítico principalmente, porém não apenas, no tocante ao feminismo e aos estudos sobre as relações de gênero.

Palavras-chave: Heleieth Saffioti. Universidade. Pesquisa científica.

O manual de sobrevivência na selva acadêmica recomenda: mantenha a espinha ereta para melhor disfarçar o caráter submisso; exercite os trejeitos de sutil deferência para com os poderosos do momento, o que não dispensa a arrogância, se possível temperada de uma camaradagem condescendente, para com os subalternos; substitua boa parte da atividade científica pela argúcia no decifrar mudanças do vento dentro e fora dos muros universitários. Neste universo, Heleieth Saffioti era peixe fora d'água. Valorosa, era ciente do próprio valor, conquistado ao longo de muito estudo e capacidade de concentração, muita luta política e duras provações pessoais. Dotada de grande capacidade teórica, jamais negociava princípios, o que não poucas vezes a obrigou a resvalar para combates em terreno bastante desfavorável e cujo único resultado positivo, quando havia, era salvaguardar o mínimo de espaço para fazer o que sabia e gostava de fazer: pesquisar, orientar, combater estruturas de dominação.

Extremamente culta e sempre querendo aprender mais não convivia bem com a modorra intelectual que, em tempos de pós-modernice conservadora, leva muitos a trocarem a qualidade pelo *Qualis* e a aventura científica pela disciplinada montagem de um lustroso Currículo Lattes. Até porque, bem antes que isso existisse esta mulher valorosa fazia das suas.

* Aqui se reapresenta, com pequenas alterações formais, texto publicado na revista *Caros Amigos*, em 21 de dezembro de 2010, na ocasião do falecimento de Heleieth Saffioti.

** Professor do Departamento de Política e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

End. eletrônico: lucio.almeida@pucsp.br

Ao elaborar sua tese de livre-docência, *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, defendida em maio de 1967, Heleieth demonstrou que o rigor teórico-metodológico não é incompatível com ousadia e a criatividade científica. Muito se fala sobre os ousados anos 60, e como houve ousadia, inclusive no que teoria e prática subversivas contribuíram para a iluminação de temas e problemas que sofriam um longo e profundo processo de desqualificação. O que vale a pena ressaltar de vez em quando, especialmente para cada nova geração, é que, com sua pesquisa, Heleieth Saffioti deu sua “modesta” e imorredoura cota de contribuição para a torrente de criatividade que jorrou naquela década marcada por espírito crítico e muita luta, esta e aquele inflamados pela esperança na transformação social. De quebra, mostrou, mais uma vez, que marxista pra valer é assim. Ao fazer sua pesquisa que resultaria neste livro, neste país, nos idos de 1969, Heleieth Saffioti em nada ficou a dever para a experiência – bem mais conhecida e divulgada – que se realizou na USP por um importante grupo de estudos d’*O Capital*.

Esta extraordinária cientista militante orientou pesquisas importantíssimas. Aqui, apenas menciono uma que não tem a ver diretamente com relações de gênero, mas também abriu uma vertente de estudos sobre o novo. Trata-se da pesquisa de doutorado realizada por Maria Conceição D’Incao e Melo sobre um novo personagem social que se espalhava com a expansão capitalista no campo. A tese, defendida em 1974, resultou no livro *O bóia-fria: acumulação e miséria* que, publicado no ano seguinte, tornou-se leitura indispensável à tentativa, ainda atual, de decifrar um importante aspecto da formação social brasileira.

Tive a honra de ser colega e aprender muito com Heleieth Saffioti no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Ela coordenou com imensa generosidade a banca de meu concurso para livre-docente e, como observou Renata Gonçalves, dispensava grande atenção e respeito à revista *Lutas Sociais*, onde publicou dois belos artigos.

Em momentos como este, a dor da falta de quem não mais está entre nós se mescla inevitavelmente com a sensação de que, em algum momento, de algum modo, não se conseguiu estar bem mais perto. Mas ficam a admiração, o aprendizado insubstituível e a lembrança carinhosa.